

A RIQUEZA DA PERSONAGEM CRIANÇA

O universo infantil nas parábolas

Andréa Paniago Fideles*

Encontrar crianças nas parábolas é um exercício exegético que necessita retornar às fontes gregas, isto é, ao Novo Testamento Grego¹, pois as traduções bíblicas em português ainda não contemplam a literalidade dos termos que evocam a figura da criança.

A riqueza da personagem criança surge em parábolas nunca antes percebidas na perspectiva infantil, como é o caso da parábola do filho pródigo (Lc 15,11-32). Esta passagem, já amplamente abordada em interpretações variadas, torna árduo o acréscimo de alguma novidade, principalmente uma com interferência dos simbolismos a que o mundo infantil remete. Contudo, essa realidade se transforma quando, no versículo 31, o filho é chamado de *téknon*, ou seja, ele é descrito como uma criança.

Alguém poderia perguntar: mas ele é filho (v. 11.13.19.21.24.25.30), qual a diferença de ser uma criança (v. 31)? A maravilha está na inserção do universo infantil na história. A palavra “criança” abarca a infância e tudo o que nela há, ampliando e nos envolvendo no mistério de ser como criança – menino ou menina. Além disto, o termo “filho” pode conter todas as idades, podendo-se desprezar a infância. O termo “filho” sugere consangüinidade, ou adoção; ele induz a uma compreensão a partir do masculino, excluindo a “filha” – pela linguagem patriarcal e androcêntrica que encontramos no contexto dos textos. Já a palavra “criança” não nos limita na relação vertical que conhecemos, de pai/mãe com seus filhos e filhas. Ela nos apresenta outra verticalidade ainda pouco discutida, a da “pessoa-adulta” com a “pessoa-criança”. A própria palavra sugere outros problemas e abre novos espaços de liberdade, questiona nossos simbolismos da infância, das relações entre gerações, questionando o adultocentrismo também de nossas interpretações.

É, portanto, inaugurado um caminho inusitado que levanta questões quanto às atitudes do *huiós*, “filho”, que também é chamado de *téknon*, “criança”. Qual seria a sua idade? Será mesmo uma criança, jovem ou apenas um adulto com as especificidades de uma criança? Quais seriam essas características? “Positivas” ou “negativas”? Elas nos remetem a quais arquétipos da infância? Do outro lado, temos o pai ou adulto, seria ele como a maioria dos nossos, que nos tratam como se crianças fôssemos? Deste modo, sempre necessitando de proteção, acolhida, compreensão, instrução, correção, etc.²

* Mestra em Ciência da Religião.

1. O texto do grego proporciona encontrar no Segundo Testamento a palavra “criança” com as seguintes grafias e significados: – *bréfos*, aquela criancinha desde o ventre até aproximadamente os 5 anos; – *népios*, crianças pequenas; – *pais*, criança escrava; – *téknon*, criança. Também nos aponta os termos *corásion* (menina, mocinha), e *huiós* (filho), e *thygáter* (filha). Nas parábolas as ocorrências encontradas foram as dos termos *huiós*, *téknon* e *páis*.

2. Outro exemplo reside na parábola do rico e de Lázaro (Lc 16,19-31), no v. 25 Abraão chama o homem rico de criança (*téknon*).

Ampliar, flexibilizar e admitir a entrada da infância nos ensinamentos evangélicos é permitir que a realidade de muitas crianças seja inserida e compartilhada não só no tempo passado, mas nas atuais comunidades que se sentam em volta dos Evangelhos, e saboreiam e atualizam seus textos. Permitir que esta categoria de gênero seja recolocada no texto ao qual pertence é chegar ainda mais perto do cotidiano vivido pelas testemunhas que elaboraram os escritos do Segundo Testamento.

Interessante notar, ainda, que tais testemunhos colaboram na reconstrução da imagem da infância, daquele tempo e região, como é o exemplo da parábola do amigo inoportuno de Lc 11,5-8. No v. 7 são reveladas crianças que, no contexto histórico-econômico, dissertam por si só a figura de crianças escravas. O termo empregado (*paidía*) evidencia o aspecto de escravidão da criança³.

Esse ponto é de extrema relevância, tendo em vista que esta perspectiva foi mantida encoberta e impossibilitava posicionar essa categoria “criança” como agente ativo-econômico também no discurso testemunhal dos evangelhos. Esta nova possibilidade hermenêutica e exegética confirma o desempenho laboral de pequenas crianças que se sustentam ou auxiliam no sustento da casa⁴. O vocábulo utilizado pelo amigo que está sendo importunado por um pedaço de pão é *paidía*, que deriva de *pais*, que coloca a criança no *status* da escravidão – o que não seria nenhuma novidade para a época, que pressupunha a serventia infantil. O amigo importunado não diz que aquelas crianças são seus filhos(as), mas afirma serem elas “crianças trabalhadoras”.

Estas seriam crianças que lutam para sobreviver economicamente, e não apenas estão ali como figuras decorativas, mas fazem parte do cotidiano protagonizando papéis, sujeitos da ação, capazes de produzir e gerar novas possibilidades de leituras de textos neotestamentários.

Esse é o caso da parábola das crianças na praça (Lc 7,31-35). Ela nos convida a imaginar as crianças no tempo de Jesus. Crianças que tocavam e cantavam em uma praça! Somos seduzidos(as), por nossas noções do que seja infância, a absolutizar conjunturas, como esta:

O pequeno israelita passava a maior parte de seu tempo brincando nas ruas ou na praça com os meninos e meninas de sua idade (Jr 6,11; 9,20; Zc 8,5; Mt 11,16). Cantavam, dançavam, se divertiam com figuras de barro cozido, das quais foram encontradas amostras nas escavações; as meninas brincavam sempre de bonecas⁵.

3. Ver Willian Carey TAYLOR. *Dicionário do Novo Testamento Grego*. Rio de Janeiro: JUERP, 10ª ed., 1991, no verbete, p. 158.

4. Na parábola de Mt 21,28-32, as traduções falam de um homem e dois filhos que trabalhavam na vinha. Porém, o texto grego revela duas crianças, o v. 28 emprega as palavras *tékna* (crianças) e *téknon* (criança), e sustenta a existência do trabalho infantil, seja por meninos ou meninas, e não o termo “filho” como está traduzido na maioria das bíblias no idioma pátrio.

5. Ver Roland de VAUX. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Teológica, 2003, p. 72.

Então somos compelidos(as) a crer que essas crianças passavam o tempo brincando nas praças, todas eram da mesma idade, e é “natural”, as meninas “sempre” brincavam com bonecas!

São esses tipos de declarações genéricas, muitas vezes despercebidas, que mimam a realidade cotidiana de um povo empobrecido pelas constantes guerras e invasões, como era o caso de Israel no tempo de Jesus. A criança então passa a ser um arquétipo de diversão e despreocupação, um modelo de masculino e feminino, como uma válvula de escape que apresenta uma infância feliz e sem problemas, de papéis predeterminados. A volta ao texto grego nos proporciona afirmar que esta não era a realidade do povo depauperado e dominado pelo Império Romano do século I dC.

Na parábola de Lc 7,31-35 (paralelo Mt 11,16-19), encontramos a palavra grega *téknon* (v. 35), que significa uma criança pequena⁶. No entanto, na maioria das traduções em português, o termo *téknon* aparece traduzido pela palavra “filho”⁷.

Essa opção de aplicar para o termo *téknon* e seus derivados a tradução “filho”, e ocultar a palavra “criança”, configura-se em interpretações como as de Braumann⁸. Para ele *téknon* expressa o vocábulo “criancinha”, contudo apesar de estar escrito “criança” (ou criancinha), ele afirma que a palavra *téknon*, quando empregada por Jesus, indica apenas filiação, filho e filha⁹.

Esta escolha de palavras, aparentemente simples, descarta a realidade da fonte grega que nos proporciona um personagem real – a criança marginalizada. As leituras adultocêntricas, por exemplo, nos afastaram de enxergar a condição real vivida pelas crianças do século I. Os termos *paidíois* (Lc 7,32) e *téknon* (7,35) são traduzidos respectivamente por “meninos” e “filhos”, enquanto essas palavras deveriam ser traduzidas por “crianças escravas” (v. 32) e “criancinhas” (v. 35). Mas qual será a diferença, se recorrermos ao texto original grego?

Com o emprego do termo “filho” e “menino” exclui-se totalmente a participação de meninas nesta cena. Com isto as crianças-meninas sofrem a exclusão de tocar, cantar e trabalhar. Tendo em mente que o vocábulo *pais* remete à escravidão infantil, o retorno à fonte grega reafirma o desempenho laboral de pequenas crianças que se sustentavam cantando e tocando em locais públicos e comerciais. Crianças que sobreviveram com seu próprio trabalho e fizeram parte do cotidiano, como sujeitos que intervinham nas relações *intra* e *extracasa*.

6. Ver Hans-Ruedi WEBER. *Jesus e as crianças: subsídios bíblicos para estudo e pregação*. Trad. Annemarie Höhn. São Leopoldo: Sinodal, 1986, p. 51-52 e TAYLOR, *op.cit.*, p. 220.

7. Ver Francisco Reyes ARCHILA. *Volver el corazón a nuestra niñez. Los niños en el Nuevo Testamento*. Disponível em: http://www.google.com.br/search?q=cache:pmlOu3e3tJMJ:ar.geocities.com/rebilac_coordcont/corazon+. Acesso em: 14 abr. 2004. *Téknon* deve ainda ser questionado na dependência e inferioridade depositadas na figura do filho e da filha, que “ênfatizam a relação legal, ética, íntima”, com seus pais e mães, mas lembramos que, o que realmente está escrito é *téknon*, palavra que “salienta os aspectos físicos e exteriores” de uma criança. Ver TAYLOR, *op.cit.*, p. 220.

8. Ver G. BRAUMANN. *Verbetes téknon*. In: Lothar COENEN; Colin BROWN. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Trad. Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 470.

9. Por isso também a grande dificuldade de lermos “crianças” em passagens como Mc 10,24, onde Jesus chama seus discípulos e discípulas de “minhas crianças”, mas as traduções empregam “meus filhos”.

E então, a experiência das crianças na parábola de Lc 7,31-35 poderia nos oferecer novos elementos e removeria a brincadeira das crianças e as recolocaria em missão/trabalho. Assim como Jesus e João Batista, as crianças também estão chamando as pessoas ali a participarem de seu anúncio, mas ninguém quer participar de sua tristeza e lamentação. As três ações missionárias foram interpretadas como agressões e não como testemunho.

“Com quem hei de comparar esta geração?”, de forma alguma será com as crianças, nem com o Batista ou Jesus, pois todos eles foram justificados, por serem “crianças” (*téknon*, v. 35), e não filhos da Sabedoria.

Outras referências consultadas:

ELTROP, Bettina. *Denn solchen gehört das Himmelreich*. Kinder im Matthäusevangelium. Eine feministisch – sozialgeschichtliche Untersuchung. Stuttgart: Verlag Ulrich E. Grauer, 1996 [com traduções de Ivoni Richter Reimer].

FIDELES, Andréa Paniago. *Construindo cidadania de crianças – pelos veios da Hermenêutica Jurídica e Bíblica Infantil*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.

Andréa Paniago Fideles
andreapaniagofideles@gmail.com?